
As pesquisas sobre Feminismo, Interseccionalidade e Discurso de Ódio: Um Estado do Conhecimento dos anos 2019 a 2023¹

Carla Montuori FERNANDES²
Vânia Márcia de PAULA³
Lara Karoline Souza de AQUINO⁴
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

Esse trabalho propõe um Estado do Conhecimento (Romanowski, 2006) acerca dos temas: feminismo, interseccionalidade e discurso de ódio contra as mulheres, ancorado na análise de conteúdo automatizada (Cervi, 2018) com apoio do software Iramuteq para analisar os resumos dos artigos científicos produzidos e disponibilizados no Portal de Periódicos da Capes, na base de dados principal Web of Science (WoS), entre 2019 e 2023, com o intuito de observar os principais temas abordados. Como achados, identificamos a divisão em quatro classes distintas entre os trabalhos publicados.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Violência de gênero; Minorias; Movimentos sociais - internet.

INTRODUÇÃO

O feminismo surgiu na Europa e nos EUA no século XVIII, influenciado por movimentos de reforma social como o abolicionismo e a reforma trabalhista, ou seja, um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, contestando esferas da vida social como família, sexualidade, trabalho e maternidade. Seus objetivos incluem garantir a igualdade de direitos políticos e civis, combater a violência contra a mulher e promover a equidade salarial. (McCann, 2019; Ribeiro, 2017; Zirbel, 2021).

O momento específico e as demandas desses movimentos podem variar conforme a cultura e o país em que essas mulheres estão inseridas (Escosteguy, 2019; Zirbel, 2021) como é o caso das mulheres negras.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), email: carla.montuori@docente.unip.br.

³ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP), Mestre em Administração (UFF) e Bacharel em Biblioteconomia (UFMG). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: vania.paula1@aluno.unip.br

⁴ Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP) e Bacharela em Comunicação Social-Jornalismo (UFSJ). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: laraaquino.souza@gmail.com.

O feminismo negro é um movimento político e social que luta pelos direitos das mulheres negras, originado nos EUA no século XX, em resposta à exclusão dessas mulheres do movimento feminista branco. Defende que a opressão das mulheres negras resulta da intersecção de raça, gênero e classe, sendo um projeto de conhecimento e arma política para cobrir as brechas do feminismo branco (Crenshaw, 2002). O momento e as demandas desses movimentos variam conforme a cultura e o país em que as mulheres estão inseridas (Escosteguy, 2019; Zirbel, 2021).

Ribeiro (2018) e Kilomba (2012), apontam que as mulheres negras são frequentemente vistas como o "outro" em relação às mulheres brancas. Nesse sentido, Ribeiro (2018) destaca a necessidade de enfrentar essa lacuna de invisibilidade que não reconhece a mulher negra como uma categoria de análise. Com a politização das desigualdades de gênero e raça, as mulheres, especialmente as negras, têm tomado consciência de sua posição como novos sujeitos políticos dentro do movimento feminista. Essas mulheres pertencem a grupos e classes sociais diversos, com diferentes raças, etnias, sexualidades e trajetórias políticas (Akotirene, 2019).

Nesse contexto, o feminismo negro enfatiza que, embora as mulheres brancas enfrentem a opressão de gênero, as mulheres negras sofrem uma intersecção de opressões devido ao gênero e à raça (Akotirene, 2019). Essa perspectiva interseccional busca compreender e dar visibilidade às experiências únicas de marginalização vivenciadas pelas mulheres negras.

A pandemia de COVID-19 intensificou as desigualdades raciais pré-existentes no Brasil, afetando vidas negras em diversos aspectos como educação, saúde, saneamento, segurança alimentar e renda. Profissionais informais e precarizados, majoritariamente negros, ficaram mais expostos por trabalharem em serviços essenciais e não poderem cumprir o isolamento social. À medida que as desigualdades interseccionais aumentaram, grupos marginalizados foram mais afetados pela crise. Além disso, as pessoas ficaram mais propensas a expressar opiniões discriminatórias (Bierrenbach, 2022; Barreto *et al.*, 2021 OPAS, 2022).

Dado esse panorama, o presente artigo se propõe a fazer um Estado do Conhecimento sobre o tema feminismo, interseccionalidade e discurso de ódio contra as mulheres, a fim de identificar os aportes da construção teórica e prática do campo, proporcionando caminhos para solucionar as problemáticas da área (Romanowski, 2006).

2 O ESTADO DO CONHECIMENTO : FEMINISMO, INTERSECCIONALIDADE E DISCURSO DE ÓDIO NO BRASIL

Para Soares (1989), as pesquisas do “estado de conhecimento” são justificadas pela necessidade de montar panoramas acerca do que vem sendo produzido nos inúmeros programas de pós-graduação e são fáceis para mapear a produção acadêmica, entender a pluralidade de perspectivas e estudos articulados, evidenciando resultados ou explicando incoerências, utilizando categorização para organizar as informações (SOARES, 1989; ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Segundo Romanowski (2002), para realizar trabalhos de "estado de conhecimento" é necessário: 1) identificar o tema; 2) escolher descritores; 3) Estabelecer critérios de delimitação; 4) levantar as bases de dados adequadas; 5) organizar de critérios de seleção do material; 6) levantar os materiais; 7) ler e elaborar síntese preliminar; 8) organizar o relatório e sistematizar o estudo; 9) analisar e elaborar pareceres preliminares.

Este trabalho analisou 66 artigos científicos publicados entre 2019 e 2023 no Portal de Periódicos da Capes, na base Web of Science, sobre “feminismo”, “interseccionalidade” e “discurso de ódio”. A pesquisa utilizou os descritores "hate Speech", "feminism", "black feminism", "gender" e "intersectionality" na busca avançada da coleção principal da WoS, conectados com o operador booleano OR. Os resumos foram exportados em formato .csv para compor o *corpus* de análise.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Após a leitura dos resumos, foram selecionados 66 artigos relevantes para a temática, sendo 7 em 2019, 10 em 2020, 11 em 2021, 21 em 2022 e 17 em 2023 mostra um aumento de 48% na produção acadêmica durante a pandemia de COVID-19, evidenciando a relevância do debate nesse contexto.

Para tratamento dos dados, foram definidos quatro estágios: (i) processamento de dados; (ii) construção de dicionário de termos; e (iii) análise da relação entre classes. O conteúdo foi submetido à análise de conteúdo automatizada, com suporte do software IRAMUTEQ, o que permitiu a construção de um dendograma relacionando a recorrência semântica do texto e comparando os grupos de palavras quanto às suas frequências (Camargo; Justo, 2013). A primeira análise do corpus textual, composta por 66 artigos, indicou 374 segmentos de texto, 3.237 formas e 5.951 ocorrências.

A análise automatizada pelo método de Cervi (2018) foi utilizada para identificar a quantidade de *clusters* no *corpus* de 66 textos, formando quatro classes. Esse método é eficaz para excluir a subjetividade da análise de conteúdo, com a menor interferência possível do pesquisador na categorização textual.

A análise do *corpus* de 66 artigos formou quatro classes: 1) **Violência de gênero e opinião pública** (33,9%); 2) **Raça, crimes e discurso de ódio** (34,2%); 3) **Movimentos sociais na internet** (17,3%); e 4) **Minorias sexuais e de gêneros** (14,6%).

3 RESULTADOS ALCANÇADOS

Na classe 1, "**Violência de Gênero e a Opinião Pública**", os 12 artigos abordam temas como **violência, gênero, vítima e discriminação**. A violência de gênero é um problema estrutural que afeta todas as mulheres, independentemente de raça, etnia ou classe, sendo resultado da desigualdade entre homens e mulheres e se manifestando de diferentes formas, como assédio sexual, estupro, feminicídio e violência doméstica.

A comunicação é essencial para o feminismo, pois permite conscientizar sobre a violência de gênero, promover a igualdade e fortalecer o movimento. Porém, a polarização política dificulta o diálogo e a construção de consensos sobre questões importantes para as mulheres (Zirbel, 2021). O feminismo negro enfrenta a violência de gênero de forma mais complexa, pois as mulheres negras sofrem com racismo e sexismo. Esse movimento busca combater a violência de gênero, a desigualdade racial e o sexismo (Crenshaw, 2002).

A classe 2, "**Raça, Crimes e Discurso de Ódio**", reúne 13 artigos, tendo como palavras mais prevalentes: **misoginia, discurso de ódio, racismo, extremismo e patriarcal**.

Ao analisarmos esses temas, salienta-se que o feminismo e o feminismo negro buscam combater a misoginia e a violência por meio da conscientização, promoção de políticas públicas e defesa dos direitos das mulheres vítimas, denunciando o discurso de ódio e perpetuação da desigualdade de gênero (Ribeiro, 2018).

As redes sociais têm sido usadas para conscientizar sobre misoginia, discurso de ódio e violência contra mulheres, além de organizar mobilizações. Porém, esse ambiente também é marcado pela disseminação de notícias falsas, informações falsas ou enganosas, que manipulam as pessoas (Brites; Amaral; Catarino, 2018).

A classe 3, **Movimentos Sociais na Internet**, reúne 10 artigos e tem como temas mais prevalentes: **dado, nacional, twitter, luta, qualitativo, argentino e visibilidade** nas primeiras colocações e perpassada por outras palavras como **hashtags, mobilização, metoo e**

memes. Esses trabalhos direcionaram suas discussões para o ativismo e para o entendimento de formas ou ferramentas que possibilitam o discurso de ódio ou a luta por expressar o descontentamento, como podemos observar por palavras como memes, Twitter, e hashtags importantes, como #NiUnaMENOS e #Metoo.

Mendes, Keller e Ringrose (2018) denominam hashtag feminista como uma prática do ativismo feminista em que mulheres denunciam a misoginia, a cultura do estupro e as violências sexistas diárias, conectando mulheres com experiências semelhantes e conscientizando sobre a violência sexual generalizada. São usadas para organizar conversas e campanhas sobre temas como violência contra mulheres, desigualdade de gênero e direitos femininos, mobilizando pessoas para lutar por mudanças, a exemplo de hashtags como #MeToo, #TimesUp, #NãoÉNão e #EleNão.

Essas movimentações estão atreladas ao feminismo da quarta onda, relacionadas à (des)construção de gênero, utilizam a internet para promover debates e ações em prol das mulheres. Nesse processo, as mulheres se socializam politicamente, se conectam para reivindicar e denunciar problemas, formam coletivos feministas independentes e fortalecem o movimento dentro e fora do ciberespaço, como no caso das hashtags (Perez; Ricoldi; 2023, p.6).

A classe 4, nomeada como **Minorias Sexuais e de Gênero**, reúne 11 artigos tem como temáticas prevalentes: **crimes de ódio, pessoa, vítima, experiência, deficiência, participante e saúde.** Destacamos também a presença de termos como **jogador, femmefobia, transexual, orientação e sexualidade.** Essas palavras explicitam temas que atingem o indivíduo sobremaneira, a luta pela inclusão, representatividade, proteção e segurança das minorias e o reconhecimento de que a opressão de gênero se intersecciona com outras formas de opressão.

Os crimes de ódio são aqueles motivados por preconceito contra características protegidas da vítima, como raça, religião, orientação sexual, gênero, etc (Levin; McDevitt, 2013). Eles são direcionados a grupos específicos, incluindo mulheres. O feminismo se opõe a todos os tipos de crimes de ódio, defendendo o direito de todas as pessoas viverem livres de medo e violência, independentemente de suas características (Miguel; Biroli, 2014).

Femmefobia é um termo usado para descrever a opressão contra a feminilidade dentro e fora das comunidades LGBTQIA+, manifestando-se de diversas formas, atravessando marcas sociais como raça, etnia, classe, sexualidade e habilidade (Hoskin, 2021; Crenshaw, 2013). Mulheres trans ou masculinizadas podem sofrer exclusão social, bullying, agressão

física, humilhação pública por não atenderem padrões normativos de feminilidade. Já mulheres cisgêneros que adotam comportamentos considerados "femininos" podem sofrer uma desvalorização sutil de suas qualidades, sendo vistas fracas, ingênuas ou incapazes (Stone, 2018).

O feminismo acredita que todas as mulheres têm o direito de expressar sua feminilidade da forma que quiserem, sem medo de discriminação ou violência (Zirbel, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as classes elencadas, podemos inferir que a desigualdade é perpetuada e amplificada por fatores culturais, como papéis de gênero estereotipados, e por fatores estruturais, como as desigualdades econômicas e sociais.

As redes sociais são ferramentas importantes para o feminismo e a conscientização sobre a violência de gênero, mas também podem promover a discriminação contra mulheres por meio de discurso de ódio, assédio online e desinformação. É crucial construir uma cultura de respeito nesses ambientes, implementar políticas públicas de conscientização e fortalecer a solidariedade entre mulheres de todas as raças, etnias, classes e orientações sexuais.

Esses são espaços importantes para comunicação e expressão, mas também propícios para discurso de ódio, pois as pessoas tendem a interagir com semelhantes em gostos, antecedentes e preferências, incluindo gênero, raça, etnia, classe e orientação sexual (McPherson; Smith-Lovin; Cook, 2001), formando bolhas sociais com informações que confirmam suas opiniões (Recuero; Gruzd, 2019).

Conclui-se que para combater o discurso de ódio nas redes sociais e promover a defesa de gênero, é necessária uma abordagem multifacetada, com estratégias de conscientização da população sobre os perigos do discurso de ódio e intensificação de políticas públicas para prevenção da violência e defesa dos direitos das vítimas, incluindo minorias sexuais e de gênero. É imperativo criar leis que criminalizem essa prática e protejam as vítimas de todos os tipos de violência. Destaca-se ainda a importância da atuação e mobilização da sociedade civil através da denúncia de casos e exigências de providências das autoridades.

O feminismo, a interseccionalidade e o combate ao discurso de ódio são temas centrais, urgentes e atuais na luta por uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres. Portanto, é fundamental que continuemos a debater, teorizar e agir para a transformação social e construção de um mundo mais equitativo para todas as mulheres em sua diversidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p. 21 (Coleção Feminismos Plurais).

AZEVEDO, Débora Bithiah de. A Quarta Onda do Feminismo: Movimentações Digitais e Debates sobre Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, pág. 1019-1037, 2017

BARRETO, Nilo Manoel Pereira Vieira *et al.* Vulnerabilidades sociais relacionadas à infecção e mortalidade por covid-19: uma revisão sistemática. **Revista de Saúde Coletiva da UEFES**, v. 11, n. 2, p. e6039, 2021. DOI: 10.13102/rscdauefs.v11i2.6039. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/6039>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BIERRENBACH, Ana Luiza. **5 pontos sobre desigualdades raciais e os impactos da pandemia**. Nexo Políticas Públicas, 2022. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2022/5-pontos-sobre-desigualdades-raciais-e-os-impactos-da-pandemia>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BRITES, Maria José; AMARAL, Inês; CATARINO, Fernando. A era das “fake news”: o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. **Journal of Digital Media & Interaction**, v. 1, n.1, p. 85-98, 2018. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8949/2018_Brites_Amaral_Catarino_AEraDasFakeNews.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 nov. 2023.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p.513-518, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

CERVI, E. U. Análise de conteúdo automatizada para conversações em redes sociais: uma proposta metodológica. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 42., 2018, Caxambu. **Anais [...]**. São Paulo: ANPOCS, 2018. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt17-22>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **Feminist legal theories**. Routledge, 2013. p. 23-51. Disponível em:

<https://api.taylorfrancis.com/content/chapters/edit/download?identifierName=doi&identifierValue=10.4324/9781315051536-2&type=chapterpdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 28. **Anais** [...] Porto Alegre-RS, Pontifícia Universidade Católica, 11 e 14 jun. 2019, 21 p. ISSN: 2236-4285. Disponível em: <https://projetos.eusoufamecos.net/compos2019/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

HOSKIN, Rhea Ashley. **Femmephobia**: the fear and loathing of femininity. The Establishment, 2021. DOI:10.4135/9781544393858.n90. Acesso em: 08 dez. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

LEVIN, Jack; MACDEVITT, Jack. **Hate crimes: The rising tide of bigotry and bloodshed**. Springer, 2013.

MCCANN, Hannah *et al.* **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro. Globo Livros, 2019. 352 p.

MCPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn; COOK, James M. Birds of a feather: Homophily in social networks. **Annual review of sociology**, v. 27, n. 1, p. 415-444, 2001. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.soc.27.1.415>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MENDES, Kaitlynn; RINGROSE, Jessica; KELLER, Jessalynn. # MeToo and the promise and pitfalls of challenging rape culture through digital feminist activism. **European Journal of Women's Studies**, v. 25, n. 2, p. 236-246, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350506818765318>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice. Teses e dissertações sobre a relação família-escola no Brasil (1997–2011): um estado do conhecimento. *In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (ANPEd)*, 2015, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2015.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS), **Pandemia de COVID-19 afetou mulheres desproporcionalmente nas Américas**. 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/8-3-2022-pandemia-covid-19-afetou-mulheres-desproporcionalmente-nas-americas>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PEREZ, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, e83260, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n383260>. Acesso em: 04 dez. 2023.

RATINAUD, P. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires [Computer software], 2009. Versionsafiotti 4.1.3.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 31-47, 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/gal/a/Kvxg4btPzLYdxXk77rGrmJS/?lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2023.

REINERT, Max. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. **Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 26, n. 1, p. 24-54, 1990. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/075910639002600103>. Acesso em: 08 dez. 2023.

RIBEIRO, Júlia Chagas. **O poder das mulheres na representação midiática**: percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes. 2017. 178f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2017. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178483/001062904.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 dez. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte(MG): Letramento, 2018. 112 p.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil**: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI:10.11606/T.48.2002.tde-22102014-134348. Acesso em: 28 dez. 2023.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416X2006000300004&script=sci_abstract. Acesso em: 28 dez. 2023.

STONE, Amy L. Gender panics about transgender children in religious right discourse. **Journal of LGBT youth**, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19361653.2017.1395305>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Reduc, 1989. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000171855>. Acesso em: 08 dez. 2023.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n.2, p.10-31, 2021. Disponível em:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf/>. Acesso em: 02 dez. 2023.